

HUMANIZAÇÃO NA VISÃO DO ESTUDANTE DE MEDICINA QUE ATUA OU NÃO COMO CLOWN DE HOSPITAL

Bianca Bueno Coutinho¹; Sabrina Athie Vaz Ferreira²; Luci Mendes de Melo Bonini³; Tatiana Ribeiro de C. Melo⁴

Estudante do Curso de Medicina; e-mail: bianca_bcoutinho@hotmail.com¹

Estudante do Curso de Medicina; e-mail: savf44@hotmail.com²

Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: lucibonini@gmail.com³

Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: tatianar@umc.br⁴

Área do Conhecimento: Saúde Pública

Palavras-chave: Arte Terapia; Humanização da Assistência; Educação Médica; Relação Médico-Paciente; Palhaços Hospital.

INTRODUÇÃO

O processo de humanizar está relacionado a dar maior atenção a quem é atendido, valendo-se do respeito, da solidariedade e do cuidado. Na saúde, adotou o sentido de um processo de transformação da cultura institucional que reconhece e valoriza os aspectos subjetivos, históricos e socioculturais de usuários e profissionais, assim como funcionamentos institucionais importantes para a compreensão dos problemas e elaboração de ações que promovam boas condições de trabalho e qualidade de atendimento, sendo assim uma forma de gestão (BONINI, 2014; OLIVEIRA, 2007). Em 2003, foi criada pelo SUS a Política de Humanização da Atenção e da Gestão (PHN), que tem por objetivo qualificar práticas de gestão e de atenção em saúde, partindo do princípio de que humanizar é incluir, e definindo que “o propósito da inclusão é produzir novos sujeitos capazes de ampliar suas redes de comunicação, alterando fronteiras dos saberes e dos territórios de poder; e de conectar suas práticas de produção de saúde ao campo da gestão, pois aquelas derivam das condições institucionais que definem os modos de funcionamento da organização, tarefa da gestão.” Essa inclusão deve ser orientada por clínicas, políticas e éticas e tomam sentido no acolhimento, na clínica ampliada, na democracia das relações, na valorização do trabalhador, na garantia dos direitos dos usuários e no fomento de redes (PASCHE, 2010).

A arte do teatro *Clown*¹ começou a ser incorporada aos hospitais em 1986, por Michael Christensen, de Nova Iorque, e iniciada no Brasil em 1991 com a criação do projeto *Doutores da Alegria* pelo ator Wellington Nogueira, que tinha como objetivo avaliar a necessidade das crianças hospitalizadas e colocar ao seu dispor truques, magia e malabarismo. Com isso, devolveria à criança um pouco do controle sobre o seu corpo e sua vida, que lhe é totalmente tirado quando se encontra enferma e hospitalizada, e ainda favoreceria uma atitude mais positiva e ativa em relação à enfermidade e sua recuperação (LIMA, 2009). A formação do *Clown* consiste basicamente em “encontrá-lo em si, e isso equivale a encontrar a ‘sua verdade’, a sua ‘essência’, o que é possível a todos, pois esta “verdade” diz sempre do ridículo. Ser ridículo é ser imperfeito, tolo, distante do ideal; é cair, tropeçar, valorizar mais as bobagens que as coisas consideradas úteis e até se achar mais esperto ou bonito que os demais.” (FERNANDES).

¹ Clown e palhaço são sinônimos. A preferência dada à terminologia inglesa apenas se justifica para diferenciar o palhaço inserido numa linguagem teatral do palhaço inserido numa linguagem circense.

A Política de Humanização da Atenção e da Gestão (PHN) defende que uma das etapas da humanização da saúde é a humanização da formação. O estudante de Medicina que atua como *Clown* em hospital aproxima-se do paciente, escuta suas necessidades, e não somente sua doença. Assim, torna-se necessário avaliar a diferença da visão sobre humanização entre os que atuam ou não como *Clown*.

OBJETIVOS

Comparar a visão sobre humanização na assistência à saúde entre os estudantes de Medicina que atuam ou não como *Clown* no ambiente hospitalar, a fim de estudar o processo de humanização da saúde no Brasil e seus reflexos no surgimento das ações *Clown* nos hospitais brasileiros e analisar as representações sociais dos grupos citados.

METODOLOGIA

Foi realizado estudo quali-quantitativo de corte transversal através da análise das respostas ao questionário aplicado a acadêmicos de Medicina de universidades brasileiras, que foram divididos em dois grupos: estudantes que atuam como *Clown* em hospitais e que não atuam.

Os questionários foram aplicados através de entrevistas individuais, que foram gravadas e transcritas na íntegra, com os estudantes que concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando por escrito a entrevista e a divulgação dos dados obtidos, e visam analisar se os estudantes conhecem o conceito de humanização e o que pensam sobre ele, as influências que sofreram para isso; e descrever as possíveis diferenças encontradas entre quem atua ou não como *Clown*.

O método utilizado para a pesquisa qualitativa foi a análise de conteúdo, que consiste num conjunto de técnicas de pesquisa que se vale da comunicação como ponto de partida e produz inferências sobre o texto, visando uma descrição do conteúdo manifesto de maneira objetiva e sistemática, partindo do pressuposto de que por trás do discurso aparente, há outro que convém descobrir (CAMPOS, 2004; SILVA, 2005).

Na pesquisa quantitativa, foram levantadas variáveis como sexo, idade, local onde estuda entre outras características sócio-demográficas, pois assim pode-se analisar o perfil do estudante. Foi utilizado o programa Excell que pôde dar números absolutos, percentuais e desvio padrão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 37 acadêmicos, entre 19 e 27 anos, do primeiro ao sexto ano do curso de medicina de quinze universidades localizadas em quatro estados brasileiros. Dos participantes da pesquisa, 15 atuam como *Clown* em hospitais e 22 não atuam; 18 (48,65%) são do sexo masculino e 19 (51,35%) são do sexo feminino.

Quando perguntados sobre o conceito do termo “Humanização”, os 15 estudantes (100%) que atuam como *Clown* souberam apresentar alguma definição e citaram como essencial o respeito aos pacientes, colegas de trabalho, outros profissionais da área da saúde e demais funcionários do hospital, enquanto dos que não atuam, 8 estudantes (36,6%) apresentaram alguma definição e relacionaram a humanização apenas ao paciente.

Dos 22 estudantes que não atuam como *Clown*, 9 afirmaram fazer parte de algum projeto de humanização, de onde se destacam as seguintes respostas.

Sim, na IFMSA. Temos projetos dentro da oncologia, em asilos, e em uma casa de apoio ao paciente com deficiência mental. Por exemplo, na casa de onco, a gente verifica uma semana antes quais são os pacientes que eles estão recebendo naquela semana e a gente monta atividades ocupacionais, terapêutica ocupacional com eles. Nos idosos, a gente vai todo segundo sábado do mês e leva

música, monta programação com eles também. O das crianças com déficit mental, a gente vai começar agora em outubro, então a gente ainda tá programando como a gente vai fazer isso.

Sim. Vamos a um abrigo de idosos. Vamos e ficamos conversando. Faz tempo que eu não vou, por causa do internato. Mas minha mãe gosta bastante de ir, daí às vezes eu ia com ela.

Como se pode observar, alguns alunos se inserem em práticas humanitárias, desde sua chegada aos cursos de medicina, porque entendem que o cenário atual na relação paciente-profissional de saúde vem mudando gradativamente, e é importante conhecer os desafios que se apresentam para esta nova geração de médicos.

Os outros 15 estudantes foram questionados sobre a decisão de ser clown e obteve-se sempre respostas muito positivas, como se descreve a seguir:

Ser clown pra mim, na verdade, remete muito mais a uma fase da vida que a gente passa, principalmente na infância, ou alguma personalidade nossa meio obscura que sempre existiu e a gente não tem a chance ou a possibilidade de coloca-la em prática. ...

Desde pequeno eu já tinha a vontade de fazer esse serviço quando eu fosse médico, de ser palhaço no hospital, desde muito pequeno eu tenho esse sonho, e quando eu entrei na faculdade eu descobri que tinha o projeto da Liga da Alegria e entrei de cabeça pra fazer porque eu sempre tive vontade mesmo de poder levar um pouco de alegria pro pessoal que tá no hospital, levar um dia diferente, fazer eles se sentirem como se não estivessem naquele ambiente, que é um ambiente mais carregado, poder levar um clima diferente pra quem tá no hospital, acho que é por isso.

Quando eu entrei na faculdade, descobri que tinha um projeto chamado Palhaçoterapia e fiquei com muita vontade de participar porque eu achava que deveria ser uma experiência, no mínimo, inusitada, de palhaço. Eu sempre gostei muito de artes e de teatro, de uma maneira geral das humanidades, e quando chegou na faculdade e eu vi que tinha essa possibilidade de fazer palhaço eu achei incrível e resolvi participar, mas eu não tinha ideia do que iria acontecer, de como seria a oficina, de como seria nada. Eu era primeiro período, bem imatura ainda e sem conhecer nada da faculdade, então eu quis num primeiro momento descobrir o que era, foi mais ou menos assim.

Eu via no Sensibilizarte uma forma de eu, sendo um futuro profissional de saúde, mudar um pouco disso e tentar ver um pouco mais a pessoa que está na minha frente e não a doença que a pessoa que está na minha frente tem. No Sensibilizarte, nós temos quatro frentes: o Clown, a Contação de Histórias, a Música e o Artesanato, e o Clown foi a frente que mais me encantou porque, vendo as coisas simples, quebra um pouco daquela coisa do humano certinho e mostra que você também pode errar, e que estar numa situação complicada não é de todo o mal, então o Clown tem um encanto e me encantou. Eu também não conseguia me ver fazendo outra coisa, porque eu não sou bom em trabalhos manuais, eu não canto bem e Clown é espontâneo e eu gosto de ser espontâneo. Minha personalidade é essa, de tentar ser o mais espontâneo possível.

Como se vê, quando convidados a refletir sobre os benefícios da prática humanitária e de ser clown, esses estudantes demonstram que faz uma grande diferença em suas vidas e acreditam

que a decisão que tomaram pode contribuir com a melhora do bem estar de pacientes (LORENZI, PAIVA, FUNAI, 2011). O propósito do clown em hospitais é trazer humor, brincadeira e riso nesse ambiente, em benefício dos pacientes, dos membros da família e dos acompanhantes. Essa regra vem da expressão popular que reforça: “rir é o melhor remédio” (MARINHO E COL., 2007). Assim, entende-se que essa experiência é fundamental para esses jovens, pois contribui para aprimorar o conhecimento do outro, a capacidade de relacionar-se e comunicar-se de forma geral e mais especificamente de encarar o paciente como uma pessoa que necessita de cura física e interior.

CONCLUSÕES

O presente estudo permitiu compreender a importância da formação de *Clowns* nas faculdades de medicina, pois ao ser o estudante quem realiza esse trabalho, mais do que a alteração do ambiente hospitalar é garantida a reflexão do futuro profissional médico sobre a humanização da saúde. O acadêmico de medicina que atua como *Clown* em hospitais tem sua visão alterada e tende a enxergar e tratar com respeito todos os presentes, como pacientes, colegas de trabalho, demais profissionais da saúde e funcionários do hospital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONINI, Luci. Humanização. 2014. Disponível em: <http://www.jornaldat.com.br/materias/?ided=2146&idedito=45&idmat=83042>

CAMPOS, Claudinei José Gomes. MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Rev. Bras. Enferm.57(5):611-4. Brasília: 2004.

FERNANDES, Ameli Gabrieli Batista. O Amor do Palhaço.

LIMA, Regina Aparecida Garcia; AZEVEDO, Eliete Farias; NASCIMENTO, Lucila Castanheira; ROCHA, Semiramis Melani Melo Rocha. A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas. Rev. Esc. Enferm. USP. São Paulo: 43 (1): 186-93. 2009.

LORENZI, C.G., PAIVA, S.A.A., FUNAI, M. S. Sentidos construídos por estudantes de medicina sobre o brincar com a criança hospitalizada: Reflexões sobre formação e humanização da assistência em saúde .Sau. & Transf. Soc. Florianópolis, v.1, n.3, p.83-93, 2011.

MARINHO, A.D.M. e colab. *Projeto Y de Riso, Sorriso e Saúde em Fortaleza, Ce: Relato de experiência* Rev Pediatr, 8(2): 95-9, jul./dez. 2007 97

PASCHE, Dário Frederico; PASSOS, Eduardo. Formação em Humanização. Cadernos HumanizaSUS. Brasília: vol. 1: Formação e Intervenção. 2010.

OLIVEIRA, SG. Humanização da assistência: um estudo de caso. Revista de Administração em Saúde, v. 9, n. 35, abril-junho de 2007.